

## O CONSUMO DE CÃO, EM CONTEXTOS FENÍCIO-PÚNICOS, NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

---

por João Luís Cardoso\*  
e Mário Varela Gomes\*\*

### I. Problemática

Escavações conduzidas por um de nós (M.V.G.), em algumas campanhas na companhia do saudoso Amigo Caetano de Mello Beirão e de Rosa Varela Gomes, no assentamento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca, em Silves, conduziram à recolha de importante conjunto faunístico onde, em nível dos séculos VIII-VII a.C., o outro signatário (J.L.C.) identificou peças osteológicas pertencentes a *Canis familiaris* L. Em uma vértebra reconheceu indiscutível marca de corte, evidenciando o consumo da carne (Cardoso, 1993, est.I, n.º 8). Dado tratar-se de contexto com forte presença material fenícia, pertencente, possivelmente, a uma feitoria, tais restos ganham redobrado interesse porquanto consubstanciam a célebre passagem de Trogo Pompeu, transmitida por Justino (*Hist. XIX, I, 10-12*), que nos dá a conhecer a embaixada enviada por Dario, rei dos Persas, a Cartago, nos inícios do século V a.C., portadora de um édito proibindo os sacrifícios humanos, assim como o hábito de se consumir carne de cão. Tais comportamentos causavam já a repulsa de muitos povos vizinhos dos Fenícios, que, por isso, os condenavam, muito embora tal prática fosse considerada, durante a Antiguidade, em diferentes regiões do globo, um recurso alimentar tido como perfeitamente normal.

---

\* Academia Portuguesa da História. Centro de Estudos Geológicos da U. N. L.

\*\* Academia Portuguesa da História. Instituto Oriental da U.N.L.

Também na Quinta do Almaraz, em Almada, integrando contexto fenício dos séculos VII-VI a.C. (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), foram exumados restos osteológicos de cão, porventura ali consumidos (Barros, 1996).

São mais tardias, situadas nos séculos IV-III a.C., as peças osteológicas daquele carnívoro, procedentes de um depósito votivo secundário do Cerro do Castelo de Garvão (Antunes, 1995), local onde se prestaria culto a Tanit ou a divindade feminina com ela sincretizada e onde a presença cultural púnica se fez sentir no restante espólio (fig. 1).

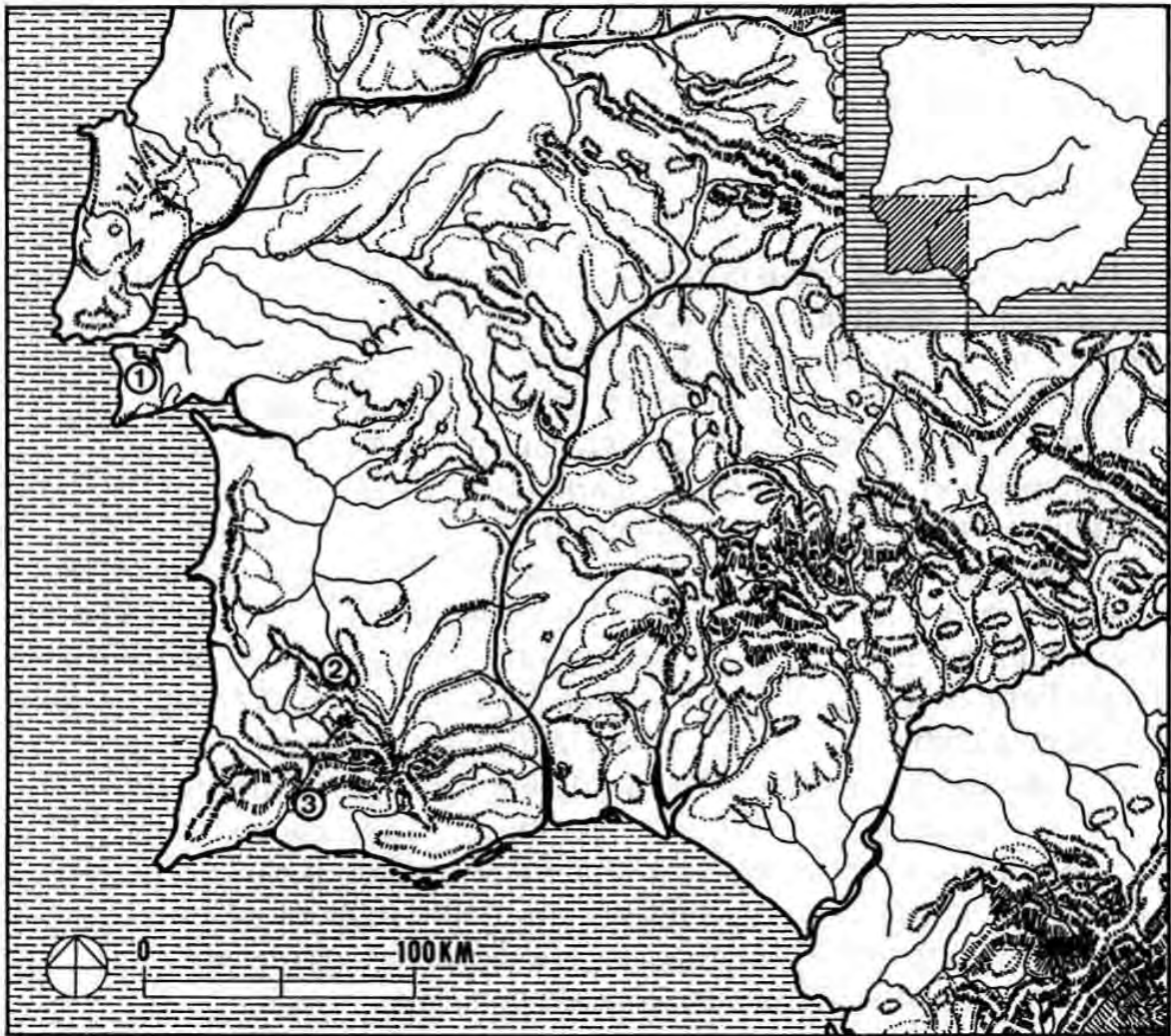


Fig.1 – Jazidas portuguesas, de idade sidéica, referidas no texto. (1 - Quinta do Almaraz; 2 - Cerro do Castelo de Garvão; 3 - Rocha Branca)

A carne de cão tem, em termos nutricionais, as mesmas proteínas que a de porco, com a vantagem de conter menos gordura, não sendo desagradável ao paladar, conforme pudemos confirmar pessoalmente (M.V.G.). Ela é hoje normalmente cozinhada em diferentes pontos de África e da América, no Sudeste e Sudoeste Asiático e no Pacífico. As zonas onde se não come aquela carne devem-se à existência de interdições de carácter sanitário ou religioso, respeitadas por indus, budistas e muçulmanos, dado o cão ser considerado animal impuro, tendo em conta a sua dieta alimentar.

Na Europa moderna, a familiaridade com os cães, baseada sobretudo na repartição de alimentos, não obistou, a que, esporadicamente e fora dos períodos de crise económica, se consumisse a sua carne, designadamente na Córsega onde era habitual fazê-lo até ao século XVIII, na Estremadura Espanhola, nos Alpes Suíços e em diversas zonas da Alemanha. Recordemos que o último talho de carne de cão foi encerrado em Munique pouco antes da II Guerra Mundial (Poplin, 1988, 165-167; Simoons, 1994, 201, 239). Friesch (1987, 71), a propósito dos restos de cão com marcas de corte que encontrou em contextos da Idade do Bronze, do Cerro de la Encina (Monachil, Granada), declara: «*In diesem Zusammenhang sei darauf hingewiesen, dass es in Deutschland erst seit 1986 (!) verboten ist Hunde zu schlachten* (BUNDESGESETZBLATT 1986/I, Nr. 4)».

## 2. O cão nas sociedades pré e proto-históricas europeias

São ainda mal conhecidas as origens do cão doméstico, já presente nos finais do Paleolítico Superior (Magdalenense) (ca 12000 a.C.), no Vale do Jordão e Iraque, na Ucrânia, no Centro da Europa e, talvez, na Península Ibérica, a julgar pelos testemunhos exumados em Erralla, no País Vasco. Encontra-se, também, documentado em estações azilenses do domínio cantábrico (Urriaga, El Pendo, Lumentxa) e da Dordonha (Pont d'Ambon) (Altuna, 1994).

Em França conhecem-se, pelo menos, cinco locais mesolíticos com restos de cão, possivelmente semi-doméstico, tendo surgido, durante o mesmo período, na Escandinávia (Maglemosense), alcançando, todavia, cronologia mais antiga, ainda do Pré-Boreal, em Star Carr, em Inglaterra. Ali foi reconhecido exemplar de pequenas dimensões, claramente doméstico (Degerbøl, 1961; Rozoy, 1978, 1067, 1070). Aliás, os cães europeus de tipo primitivo são, invariavelmente de pequenas ou médias dimensões, estando presentes em estações do Neolítico Antigo à Idade do Bronze (Vigne, 1983).

Em Portugal foram exumados restos de cão nos níveis médios do concheiro de Cabeço das Amoreiras e no de Cabeço do Pez, no vale do Sado (Arnaud, 1987, 60), assim como no de Samouqueira, junto ao rio Mira (Strauss, 1991, 900; Bicho, 1994, 670).

Conhecem-se representações de cães, integrando cenas de caça, na arte neolítica, conforme documentam pinturas do dólmen conhecido como Orca dos Juncas, na Beira Alta, e gravuras do Vale do Tejo (Gomes, 1990a, 168, 169).

No Calcolítico da Estremadura, o cão foi identificado no povoado fortificado do Zambujal, Torres Vedras, onde se contaram cento e setenta e cinco restos, entre setenta mil, cento e doze de animais domésticos (Driesch e Boessneck, 1976, tabelle 1), no de Leceia, Oeiras (resultados inéditos de um de nós, J.L.C.) e no do Penedo de Lexim, Mafra, com dois ossos em mil seiscentos e noventa e oito detectados de animais domésticos (Driesch e Richter, 1976). No círculo cultural do Calcolítico do Sudoeste, o cão foi detectado no povoado fortificado do Monte da Tumba, Alcácer do Sal, encontrando-se representado por apenas um resto (Antunes, 1987, 118, 119, 133).

Em Espanha, são numerosas as referências ao cão, em contextos pré e proto-históricos.

Em Peña de Los Gitanos, Montefrío (Granada), o cão, se bem que sempre em pequenas percentagens, está presente desde o Neolítico Antigo até ao início do Calcolítico, encontrando-se, curiosamente, ausente no decurso de todo aquele período (Riquelme, 1996, 269). O autor citado é explícito acerca do uso culinário da espécie, sugerido por marcas de corte:

*«Si parece interesante el hecho de que algunos fragmentos óseos presenten tanto huellas de exposición al fuego como marcas de cortes, relacionadas todas ellas con un posible consumo de estos animales por parte de los habitantes del poblado. Todos los restos analizados pertenecen a individuos adultos o muy próximos a esta edad».*

Também na região de Barcelona se identificou cão, em contexto do Neolítico Antigo, se bem que apenas representado por um resto (Canadell e Lorenzo, 1993).

No povoado de Los Castillejos de Montefrío (Granada), foram encontrados escassos ossos de cão em níveis do Neolítico Recente/Final e do Calcolítico Final/Bronze Inicial, onde atingem 3% do total dos restos identificados. Saliente-se o facto de o aproveitamento da carne ter sido uma realidade: *«Sie sagen lediglich, dass sie für die fleischliche Ernährung der Menschen Keine Rolle spielten»* (Ziegler, 1990, 6).

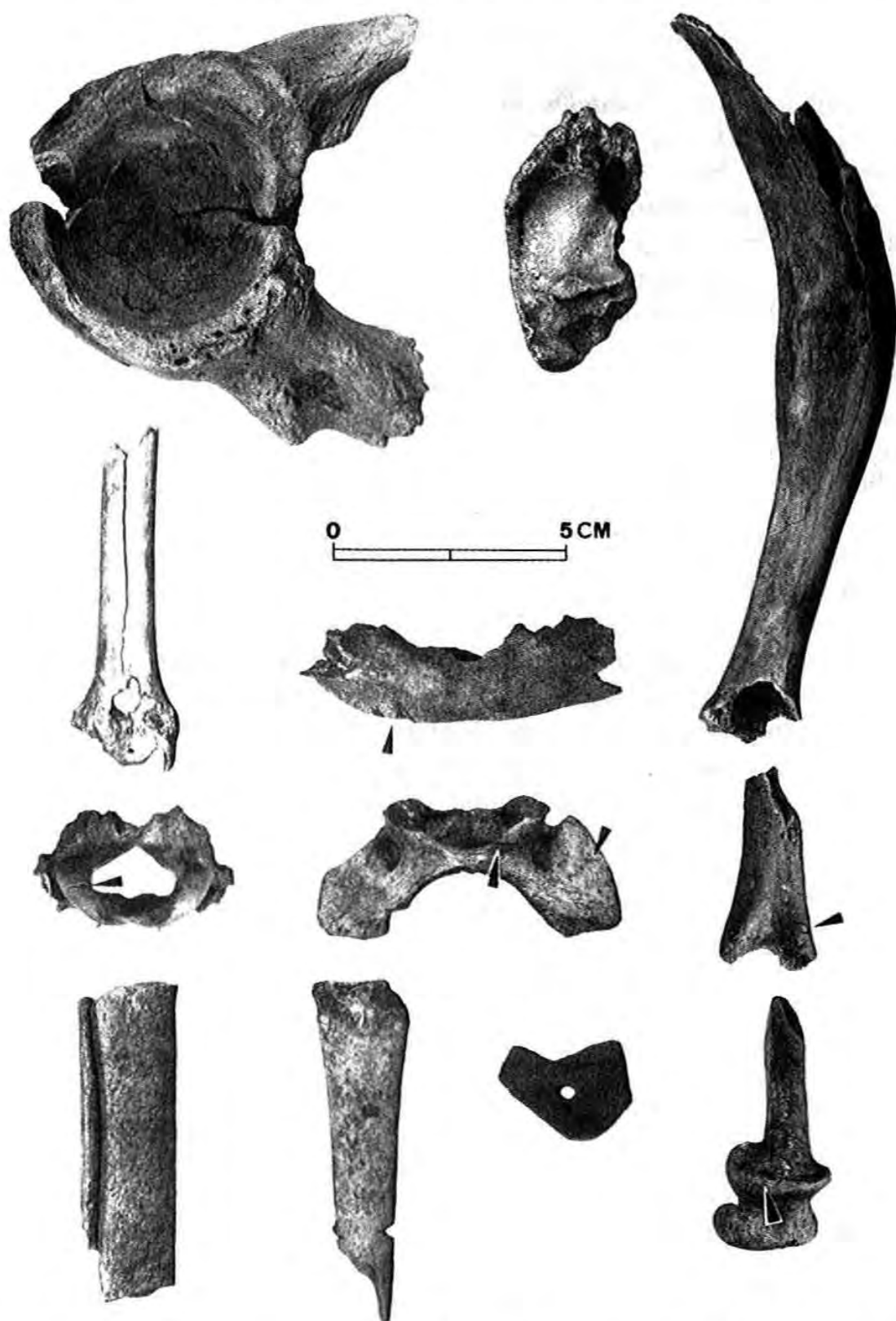


Fig.2 – Marcas de corte em restos de *Canis familiaris* do povoado do Cerro de la Encina (Monachil, Granada) (seg. Friesch, 1987, est. I)

Igualmente, no povoado calcolítico fortificado de Los Millares, onde se recolheram seiscentos restos ósseos de cães, foi assinalada tal prática: «*Wir beobachteten an den Hundeknochen Keine Schnittspuren und halten dies für einen Hinweis darauf, dass Kein Hundefleisch gegessen wurde*» (Peters e Driesch, 1990, 56).

A tradição do consumo de carne de cão, na Península Ibérica, persiste na Idade do Bronze. No povoado do Cerro de la Encina (Monachil, Granada) identificaram-se cento e cinquenta e três restos (2.8% do total) em níveis do Bronze Argárico e dezassete (1%), em níveis do Bronze Final, evidenciando-se distribuição homogénea por partes anatómicas. Os autores referem e figuram alguns ossos possuindo marcas de corte, bem visíveis em hemimandíbula, em porção do occipital e no atlas, destinadas à separação do crânio do resto do esqueleto (Friesch, 1987, est. 5-8) (fig. 2).

Outro povoado do Bronze Argárico onde se identificaram restos de cão, com evidentes marcas de corte, foi o de Acinipo (Ronda, Málaga). O material ósseo recuperado no interior e no exterior de uma cabana, de planta circular, integra sessenta e quatro restos de cão, de um total de cinco mil, seiscentos e vinte e sete pertencentes a animais domésticos identificados (1.14%), correspondendo a um número mínimo de sete indivíduos, todos adultos (Riquelme, 1994, 35, 36). A propósito, o autor declara:

*«... el aspecto más interesante de la presencia de perro en los distintos yacimientos, es que, al igual que ocurre en el Castellón Alto, Terrera del Reloj y Cerro de la Encina, en Acinipo constatamos también la presencia de cortes y huellas de descarnamiento en los huesos de estos animales, lo que indicaría su inclusión ocasional en la dieta de estos povoados».*

Trata-se de incisões finas e curtas, observadas no ramo ascendente de hemimandíbula, destinadas a separá-la do crânio. Numa vértebra (axis), verifica-se a existência de cortes transversais profundos, relacionados com a separação da cabeça do animal. Uma tíbia, mostra, ainda, na epífise distal, incisões curtas para a desarticulação do membro. Enfim, um fragmento de pélvis exhibe cortes ao redor do acetábulo. Existe também fragmento distal de humero queimado, facto que parece não deixar dúvidas quanto ao carácter alimentar do cão, no referido contexto (fig. 3).

Outros povoados argáricos que forneceram restos de cães, em percentagens assinaláveis, foram os de Castellón Alto (duzentos e cinquenta e oito restos, 7.3% da fauna doméstica), de Terrera del Reloj (cento e sessenta restos, 4.88% da fauna doméstica, ocupando o segundo lugar, a seguir aos grandes bovídeos, em termos de número mínimo de indivíduos) e de Lomo de la Balunca (dezoito restos, 3.27% da fauna doméstica). De salientar que na

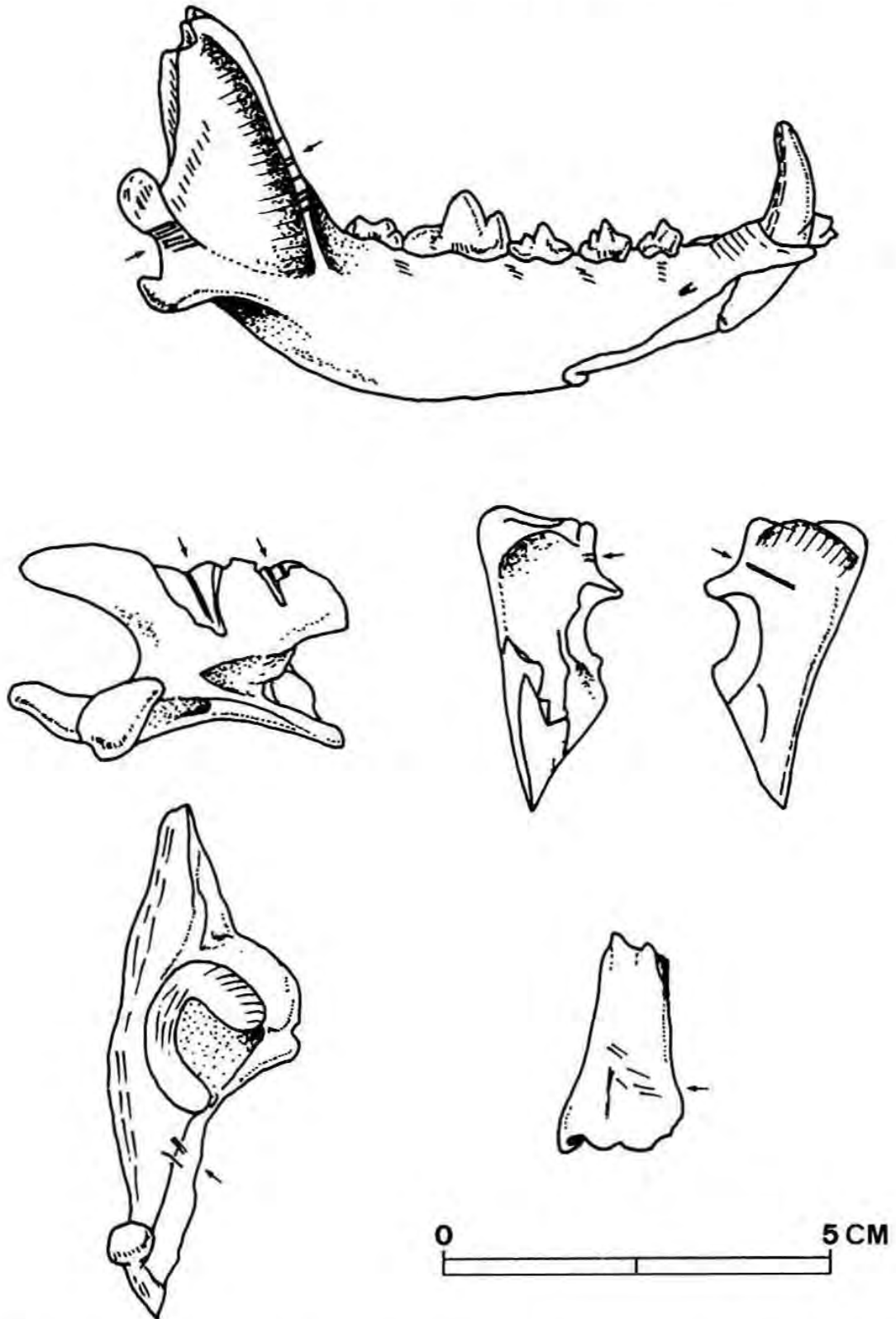


Fig. 3 – Marcas de corte em restos de *Canis familiaris* do povoado de Acinipo (Ronda, Málaga) (seg. Riquelme, 1994, 37, fig. 2)

necrópole do povoado de Castellón Alto ocorrem também restos de cães (dezoito restos, 3.27% da fauna doméstica), demonstrando o seu interesse nos rituais mortuários (Milz, 1986), ainda que não haja marcas de corte ou de descarnação.

De um modo geral, pode concluir-se que o cão se encontra representado na maioria das estações argáricas do Sudeste. Segundo Riquelme (1994), nas jazidas deste período dos arredores de Málaga, aquele carnívoro não está representado nas fases ulteriores da Idade do Bronze da região, ou surge de forma excepcional, como documenta o único testemunho recolhido em contexto do Bronze Final Recente, em Acinipo, correspondente apenas a 0.45% do total de ossos de animais domésticos (Riquelme, 1989-90). Em contextos do Bronze Final ou tartéssicos, o cão encontra-se, quando presente, sempre em pequenas percentagens: é o caso dos povoados de Medellín (2.8% restos de animais identificados), Carambolo Alto (0.1%), e Évora (7.0%) e do assentamento da Idade do Bronze Final de Ecce Homo (5.0%) (Cardoso, 1986).

Imprescindível companheiro do Homem desde o Mesolítico, o cão terá sido domesticado a partir da sua participação como comensal, activo na limpeza dos restos alimentares dos acampamentos, depois guardando estes e utilizado na caça como, mais tarde, na guarda e condução dos rebanhos, não sendo de desprezar a sua utilização como reserva alimentar. Alguns autores consideram-no, mesmo, o primeiro animal a ser domesticado para consumo e a primeira reserva alimentar do Homem (Simoons, 1994, 200). Aliás, ossos de cão exumados na Escandinávia oferecem marcas de corte semelhantes às produzidas em peças osteológicas de outros mamíferos, comumente usados na alimentação (Degerbøl, 1961, 35).

É bem conhecida a presença de cão no Neolítico Médio do Baixo Danúbio (IV milénio a.C.), onde atinge 3.5% dos restos dos animais domésticos consumidos. Trata-se de forma de tamanho médio, robusta, com 0.45m a 0.50m de altura. Imolaram-se sobretudo indivíduos adultos, com cinco a dez anos de idade, de que se conservaram melhor os ossos longos e as mandíbulas, tendo os crânios sido esmagados para extracção do cérebro (Ghette e Mateesco, 1971).

Outros exemplos demonstram que o valor ritual ou sacrificial do cão remonta a épocas pré-históricas. Com efeito, em Valcamónica, nos Alpes Italianos, as representações de cães surgem logo nos inícios do Neolítico (V milénio a.C.), tendo-se identificado uma cena, onde uma figura antropomórfica masculina com os braços erguidos («orante») acompanha um grupo de sete cães (Foppe di Nadro, rocha 27; Período I-II A), interpretada como de culto ao cão (Anati, 1986, 160, 161).

Em Arnavelle, Metz, estação do Neolítico Recente/Final do Norte da França, verificou-se a associação de mais de uma dezena de esqueletos de cães, completos ou quase, a inumações de crianças, efectuadas em diacrise (Arbogast, 1989, 37). Os restos ósseos apresentavam numerosas marcas de incisões, ainda que não fosse evidente resultarem «*de l'écorchement, d'un dépeçage ou si elles témoignent du prélèvement des chairs*».

Esqueletos de cães têm sido encontrados, na região, em poços de exploração de sílex abandonados, pertencentes igualmente ao Neolítico Recente/Final, em associação com restos de veados (embora não seja evidente a natureza ritual do depósito), tal como em outros contextos sepulcrais neolíticos do Norte da França (Arbogast, 1989, 38).

Recentemente foram identificadas marcas de corte para decapitação e desarticulação das carcaças de cães, assim como de seccionamento e até de queimaduras em ossos, que indicam o consumo humano durante os inícios da Idade do Bronze, em West Row Fen (Suffolk), no Sudeste da Grã-Bretanha. Todavia, nesta zona era já conhecido o consumo de cão durante a Idade do Ferro (Highfield, Salisbury) (Cunliffe, 1974, 174; Olsen, 1994, 133), reforçando as observações peninsulares sobre tal prática.

Na Holanda, durante a Idade do Bronze (Bovenkarspel) e em França, na Idade do Ferro (La Tène) (Villeneuve-Saint-Germain no Aisne; Roanne e Feurs no Loire) a carne de cão também serviu de alimento, tendo-se, também, utilizado as suas peles (Yvinec, 1987; Audouze e Bouchenschutz, 1992, 125). São, ainda, dos finais da Idade do Ferro alguns santuários onde se sacrificaram cães, nem sempre para consumo. Em Vertault (Côte-d'Or), foram os animais preferencialmente imolados, tendo-se escavado restos pertencentes a mais de uma centena e meia de indivíduos, encontrados, em geral, completos e inumados em fossas. Pelo contrário, no santuário de Bennecourt (Yvelines) os cães foram esquartejados, do mesmo modo que os porcos, evidenciando marcas de corte, por faca ou cutelo, para desarticulação dos membros, separação da cabeça, obtenção de nacos, etc... (Méniel, 1992, 81-88, 105).

Em Portugal aqueles carnívoros domésticos alcançaram grande importância, no decurso da Idade do Bronze Final, dado que chegaram a ser representados em estelas funerárias (S. Martinho II e Ervidel II), acompanhando os donos ali heroicizados, a par das suas armas e de raros objectos de uso pessoal, com clara função caracterizadora, de âmbito ético-social.

Alguns cães, de certas raças e excepcionalmente aptos para a caça, seriam, tal como hoje acontece, considerados como bens sumptuários. Esta hipótese ganha credibilidade, sobretudo em sociedades do tipo das chefaturas,

como seriam as daquela época no Centro e Sul de Portugal, onde o carácter guerreiro dos líderes era imprescindível e a caça, não de todo desprovida de interesse económico, era um símbolo capaz de substituir, em termos táticos, estratégicos e psicológicos a guerra, conferindo ou reforçando o estatuto e prestígio social de tais élites (Gomes, 1990, 81).

A este período talvez pertençam os esqueletos de dois cães ritualmente inumados em uma cista, de Montes do Alvor no Barlavento do Algarve, onde acompanhavam o seu dono, a par de outro espólio (Veiga, 1891, 76, 77). Claro que não se poderá ignorar, também, o papel do cão como guardador de rebanhos como sugere a sua presença em numerosas estações, igualmente do Bronze Final, da Península Ibérica, como a da Tapada da Ajuda, em Lisboa (Cardoso, Rodrigues, Monjardino e Carreira, 1986).

A discussão do carácter ritual de ocorrências animais, associadas a estações arqueológicas da Idade do Ferro do Sul de Inglaterra conduziu Grant (1989, 81) às seguintes judiciosas considerações:

*«We do though have evidence for ritual practices involv'ing animals. That suggest that the focus of at least part of the ritual was a domestic one, carried out in the same contexts as were the more ordinary activities of everyday life. The most easily identified of these are burials of complete animals, fully articulated and with no obvious traces of butchery, although in a small number of instances the heads of the animals have been removed and placed near the rest of the skeleton (...)».*

Mesmo em áreas geográficas não semitas, como o Sul de Inglaterra, no decurso da Idade do Ferro, os cães, tal como outros animais, faziam claramente parte potencial da dieta alimentar, ainda que fornecessem apenas uma pequena percentagem da carne consumida (Grant, 1986, 524). Acresce que a percentagem de enterramentos de cães nos contextos em causa é cerca de três vezes superior à percentagem em contextos domésticos, reforçando o carácter ritual de tal prática e afastando a hipótese de corresponderem a animais ocasionalmente mortos e enterrados (Grant, 1989, 82), além de que há evidências de enterramentos simultâneos, na mesma fossa, de diversas espécies e de cuidados especiais havidos no momento da deposição. Esta situação, como veremos, adapta-se particularmente à descrição das condições da jazida dos restos de cão da Quinta do Almaraz (Almada); ali, os cadáveres foram também depositados em fossas usadas como lixeiras. Os animais assim ritualizados distribuem-se por diversas espécies: bois, ovelhas, cabras, porcos, cavalos e cães e, mais raramente, gatos, veados, etc, havendo notícia de crânios isolados de cavalos, cães, bois, ovelhas e porcos.

A presença de cão em contextos sidéricos peninsulares de raiz céltica

não tem sido associada a quaisquer práticas rituais ou, sequer, mencionado o seu papel alimentar. Para tal situação concorrerá, talvez, a escassez de trabalhos arqueozoológicos, em parte devida às condições pouco favoráveis de conservação, explicada pela natureza geológica dos terrenos correspondentes à distribuição geográfica daqueles contextos. Com efeito, Berrocal (1992), das dezenas das estações do Sudoeste Peninsular culturalmente filiadas no mundo céltico, que estudou, apenas para seis refere estudos faunísticos; em duas há referências à presença do cão, embora apenas representado por um fragmento, em ambos os casos — trata-se dos povoados de Belén, em Badajoz, e de Segóvia, em Elvas — correspondentes, respectivamente, a 0.16% e a 0.27% do total dos restos identificados.

No Centro-Norte Peninsular a situação é idêntica. No castro de Ubierna, em Burgos, por exemplo, recolheram-se, apenas, oito restos de cão, os quais, porém, não sugeriam, pelo seu estado de conservação, qualquer finalidade alimentar (Castaños, 1989).

Parece constituir exceção ao panorama descrito a descoberta de um edifício atribuído ao primeiro quartel do século II a.C. de Mas de Castellar (Pontós, Alt Empordà), que guardava, em uma das suas salas, restos pertencentes a, pelo menos, cinco cães, constituindo 85.2% da fauna detectada. Além dos canídeos, ali se encontraram ossos de boi, de ovino-capríno e de equídeos. Os cães eram todos de idade adulta e apenas um osso mostrava marcas de corte. O autor que deu a conhecer este espólio, compara-o com o de alguns santuários galos contemporâneos, onde por vezes se sacrificavam cães, que nem sempre eram consumidos. Também interpreta aqueles testemunhos como resultantes de rituais destinados a proteger as colheitas cerealíferas, relacionados com o surgimento no firmamento da constelação do Cão (Casellas, 1995, 90, 91).

No período Galo-Romano, são bem conhecidos os sacrifícios de cães, depois sepultados em fossas ou poços rituais, por vezes em grande número, como em Saintes perto do santuário onde se procedia a tais práticas (Caillat, 1981).

### **3 O cão no Mundo Clássico**

No mundo grego, e na «época heróica», acreditava-se que os cães seguiam os donos na vida do Além, prestando serviços semelhantes aos desempenhados na Terra. Por isso, Aquiles, segundo Homero, mandou

queimar na pira funerária de Patroclos os seus cães (*Il.* XXIII, 173, 174) (Blázquez, 1957-58, 39, 40; Gomes, 1990, 81).

Na Grécia Antiga os cães foram sobretudo consagrados a Artemis, deusa da caça e dos bosques, conforme testemunhou Plutarco (*Moralia*, 379 D). Xenophon de Éfesos relatou que todos os anos na sua cidade se fazia uma procissão até ao Artemision, onde os cães participavam, seguindo uma jovem vestida de modo a simbolizar aquela deusa. Têm sido encontradas representações de cães, que constituíram *ex-votos*, em, pelo menos, catorze locais de culto dedicados a Artemis, nomeadamente em Olympia e na Acrópole de Atenas (Bevan, 1986, 121).

No entanto, registam-se várias representações de cães nos santuários de Asclépio, de Peiraeus e Epidauro, onde eram tidos como possuindo capacidades curativas. Acreditava-se que aquela divindade, abandonada pela mãe, teria sido criada por um cão de pastor (Paus.II.26.4) (Rouse, 1975, 202, 219).

Provêm do santuário de Hera, em Perachora, de Demeter ou, até, de Apólo, outras representações de cães, não sendo, portanto, exclusivas dos locais onde se prestava culto a Artemis (Bevan, 1986, 122).

Também se acreditava que um cão, com várias cabeças — Cerberus — guardava o portão do reino de Hades, ou seja do mundo subterrâneo do Além. Segundo Pausanias (III.25.6), tal animal teria três cabeças.

Os cães eram sacrificados a Hecateu, divindade sincretizada com Artemis (Artemis Hekate), de acordo com Plutarco e Pausanias, referindo este último, tal prática na cidade jónia de Colophon na Ásia Menor, onde lhe era ciclicamente imolada uma cachorra de cor negra (Paus.XXX.14.9). Parece que em Samotrácia e em Argos se procedia a práticas idênticas, assim como em cidades da Cária, designadamente em Lagina, onde se prestava culto àquela deusa, pelo que tal procedimento foi conhecido como «*sacrifício cário*».

Em Sardis, na Lídia, imolavam-se cachorros com menos de três meses de idade, durante o século VI a.C., em homenagem a Kandalos, deus ctónico, sendo depois consumidos (Simoons, 1994, 246, 247).

Ainda se sacrificaram cães nos santuários de Artemis (Hekate?) em Éfesos, igualmente na Ásia Menor, e de Demeter, a deusa-mãe minóica, em Knossos (Bevan, 1986, 115, 116, 118; Simoons, 1994, 234). Neste último, os ossos de cão constituíam 4.2% do total dos restos osteológicos identificados para o Período Geométrico (séculos VIII-VII a.C.). Ali, os ovino-caprinos foram os animais mais imolados (54%), seguidos do porco e do boi, com as mesmas percentagens (16,7%) e, depois, do cão, em quantidade idêntica à dos equídeos e dos cervídeos (4.2%).

A denominada «grande fossa», contendo materiais maioritariamente do século IV a.C., mostrou predominância do abate de suídeos (62.2%), seguido pelo de ovino-caprinos (20.0%), encontrando-se os cães em terceiro lugar (8.9%); só depois surgem os bovídeos (4.5%), indicando renovado interesse pelo abate daqueles carnívoros, possivelmente devido a condicionantes económicas ou, quiçá, religiosas (Jarman, 1973, 178).

Embora com carácter bem mais discreto, também os Espartanos sacrificavam cachorros a Enyalios (Rouse, 1975, 298).

#### **4. As evidências arqueológicas**

##### **4.1. Cerro da Rocha Branca (Silves, Faro)**

O estudo de um conjunto de peças osteológicas de mamíferos, procedente do nível inferior que preenchia o interior de uma torre ôca (QG3/C3), adossada à muralha que defendia a feitoria fenícia da Rocha Branca, então instalada numa península sobranceira ao rio Arade, permitiu atribuir nove delas a *Canis familiaris* L. (Cardoso, 1993, 115).

Os restos de cão identificados são os seguintes:

1. Atlas. Apresenta dois cortes, um deles responsável pela ablação da apófise lateral direita;
2. Axis;
3. Duas vértebras cervicais, ambas com marcas de corte que produziram seccionamentos transversais totais. Conservam-se as duas porções de uma delas, evidenciando a forma como o corte, por cutelo, foi produzido. Este foi executado de cima para baixo, com perda de massa óssea no ponto de impacto, caracterizado por duas superfícies planas e paralelas, resultantes da incisão do artefacto.

A segunda, mostra ter sido seccionada de forma idêntica, com atrevesamento total do corpo vertebral;

4. Duas vértebras dorsais. Uma delas evidencia corte transversal que atingiu parte da apófise;
5. Duas vértebras lombares. Uma delas, já reproduzida (Cardoso, 1993, est. I, n.º 8) conserva diferentes marcas de corte. Ali se observa, em um dos lados, incisão linear, com abatimento da superfície óssea, tendo sido produzida por impacto. Um outro corte provocou a ablação da extremidade distal. As restantes marcas, oblíquas à anterior e observadas

também do lado oposto do corpo vertebral, correspondem a finas incisões devidas a posteriores operações de descarnação.

6. Sacro. Mostra pequenas marcas punctiformes, devidas, provavelmente, a pequeno carnívoro (fig. 4).

As oito vértebras e o sacro, pertenceram, verosivelmente, ao mesmo indivíduo, de pequeno porte, com a corpulência aproximada de um *fox-terrier*. Elas constituíam 5,8% dos restos recuperados e classificáveis, a par de outras espécies, com inegável interesse económico, tanto selvagens (*Cervus elaphus*, *Sus scrofa*) como domésticas (*Bos taurus*, *Capra/Ovis*, *Equus asinus*).

Uma marca de corte, conservada em um dos corpos vertebrais, produzida por faca ou cutelo, tinha demonstrado a sua utilização culinária. A julgar, ainda, pela ausência de vestígios directos da acção do fogo e pela excelente

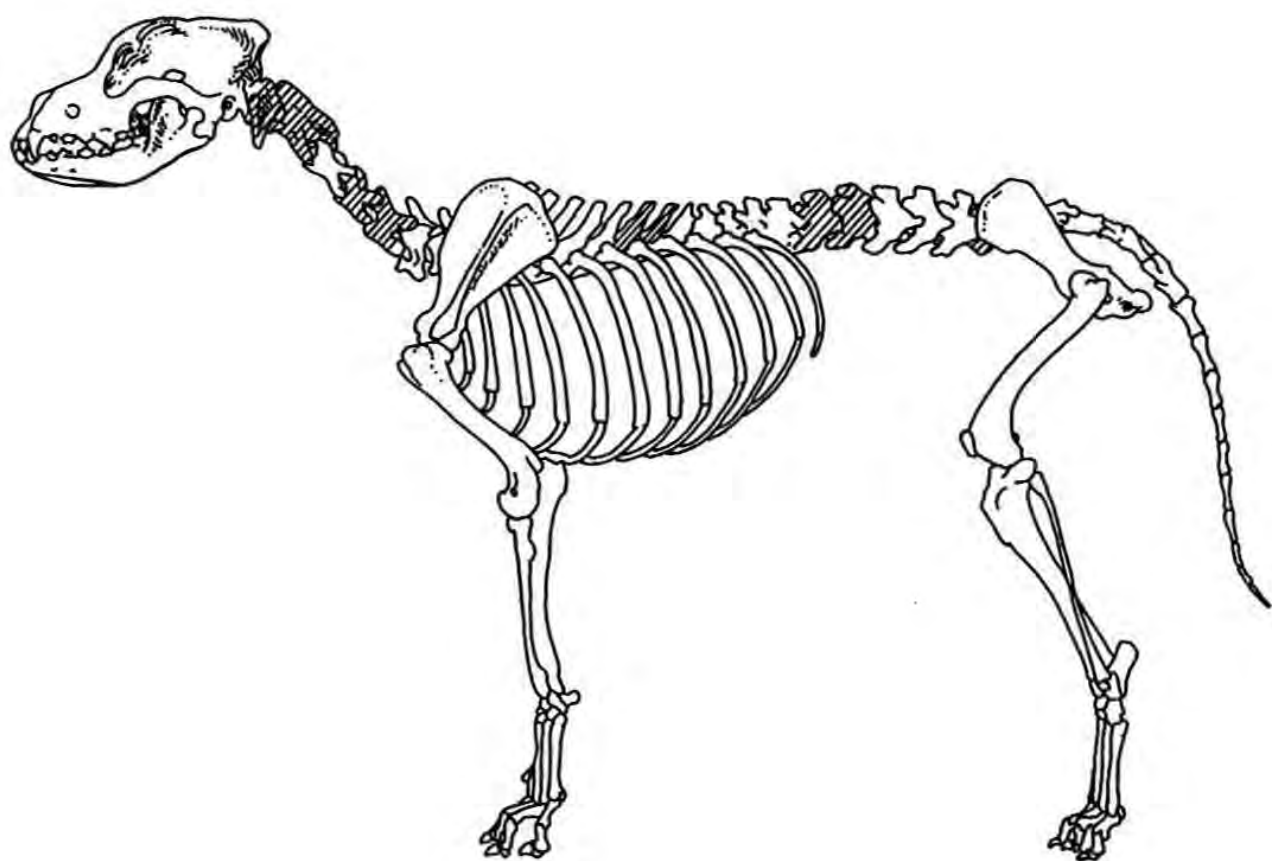


Fig. 4 – Peças osteológicas conservadas de *Canis familiaris* (Rocha Branca, Silves)

conservação dos restantes ossos, considerou-se terem sido cozinhados em cozido ou em ensopado (Cardoso, 1993, 115, 124) (fig. 5).

A revisão do material osteológico referido, conduziu, conforme assinalámos, à identificação de outras marcas de corte, algumas muito finas, tanto na peça que evidenciou o primeiro testemunho deste tipo, como noutras, as quais, em alguns casos, seccionaram corpos e apófises vertebrais, total ou parcialmente (figs. 6 e 7).

As observações agora realizadas devem, pois, ser valorizadas face ao ambiente cultural correspondente à época da jazida onde se exumaram os restos de cão. A sua raiz oriental é demonstrada não só pela sua arquitectura exógena, pelo acervo material encontrado, onde estão presentes cerâmicas de verniz vermelho, cinzentas finas e ânforas de origem fenícia, datadas pelo  $^{14}\text{C}$  através de amostra de carvão dali proveniente. Esta apresentou cronologia de  $2450\pm 45$  B.P. (ICEN-201), que uma vez calibrada, através da curva de Stuiver e Pearson (1986), indicou intercepções em 752, 709 e 530 cal. A.C. e os intervalos de 764-674 cal. A.C.; 666-617 cal. A.C.; 606-409 cal. A.C. para 1 *sigma*, e 789-401 cal. A.C. para 2 *sigma* (Gomes, 1993, 82, 83).



Fig. 5 – Marcas de corte sobre vértebra lombar de *Canis familiaris* (Rocha Branca, Silves) (foto M.V.G., R II/97-13) (ampl. 2 x)

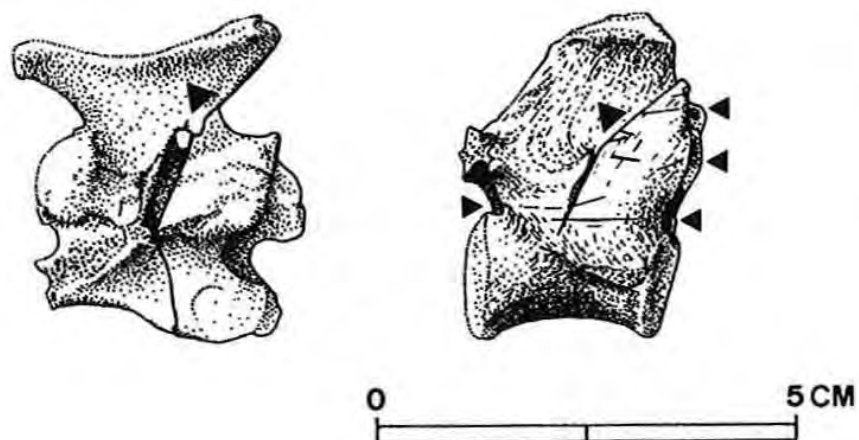


Fig. 6 – Marcas de corte sobre vértebra cervical e sobre vértebra lombar de *Canis familiaris* (Rocha Branca, Silves) (des. de C. Gaspar)



Fig. 7 – Restos osteológicos de *Canis familiaris*, com marcas de corte (Rocha Branca, Silves) (foto M.V.G., R II/97-11)

#### 4.2. Garvão (Ourique, Beja)

Na escavação efectuada em depósito secundário ou *bothros* do santuário do Cerro do Castelo de Garvão, datado dos séculos IV e III a.C., recuperaram-se, a par de numerosíssimo espólio cerâmico e de pequenos ex-votos de ouro, prata, cobre ou vidro, peças osteológicas de mamíferos, entre as quais de cão. Estas constituíam 15% do total de restos estudados e pertenciam a animais de porte médio, talvez ali ritualmente sacrificados e, possivelmente, consumidos. Tal hipótese baseia-se:

- a) Na alta percentagem referida de vestígios de cão, embora ultrapassada pelo porco (18%), boi (23%) e cabra/carneiro (36%) (Antunes, 1995);
- b) No ambiente cultural ali vivido, com clara influência orientalizante, prestando-se culto a divindade feminina em muitos aspectos identificável com a Astarte-Tanit fenício-púnica, representada em dois ex-votos de prata e em peças coroplásticas. Aliás, a presença cartaginesa além de se fazer sentir nas actividades reflexas da superestrutura sagrada, encontra-se patente nas principais características de importante parte dos espólios recuperados, tendo-se, até, descoberto uma hemidracma de prata cunhada em Gades, possivelmente contemporânea do desembarque bárcida de 238 ou 237 a.C. (Beirão, Silva, Soares, Gomes e Gomes, 1985; 1987; Silva e Gomes, 1992, 181, 182, 270-274).

Os testemunhos de cão do depósito votivo de Garvão indicam animais adultos; segundo T. Antunes (1995, 274), «*Um crânio da camada 3d apresenta o canino superior direito fracturado ante-mortem expondo parte da cavidade pulpar o que pode ter sido causa mortis, através de infecção subsequente. Dada a resistência de um dente como aquele, é provável que a fractura resulte de pancada desferida com objecto contundente (pau? pedra?). A hemimandíbula da camada 3c mostra o I3 esquerdo com a superfície plana, estriada, talvez produzida por instrumento cortante manejado de cima para baixo, de modo a atingir o animal com a boca aberta; deve ter morrido pouco após a agressão, dado o estado fresco da estriação, não obliterado por ulterior desgaste. Em suma, há evidência de sevícias exercidas em cães.*»

A transcrição que acabámos de fazer ajuda-nos a interpretar o papel do cão naquele santuário. Ela demonstra, desde logo, que os seus restos não pertenceram a simples comensais ou a possíveis guardas, mas a animais

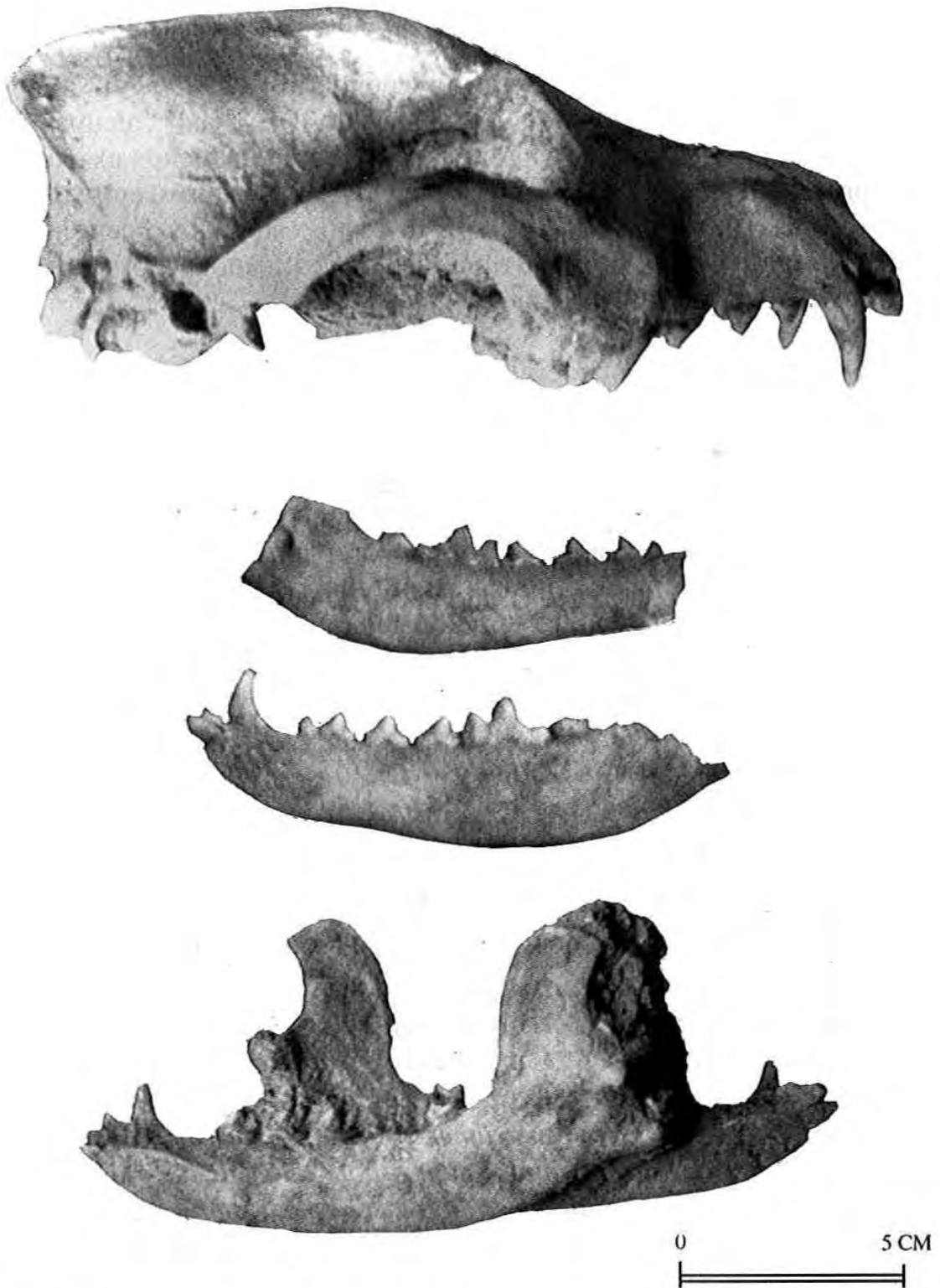


Fig. 8 – Vistas laterais de crânio e de hemimandíbulas (Sondagem K 29) e duas hemimandíbulas (Sondagem 6/C9) de *Canis familiaris* da Quinta do Almaraz, Almada (fotos L. Barros, 1996)

abatidos de forma violenta, cujos ossos integraram, tal qual os pertencentes a fauna habitualmente consumida, o depósito secundário. Isto é, fizeram parte de cerimónias mágico-religiosas, sendo sacrificados e possivelmente utilizados em refeições rituais então praticadas, tal como a restante fauna ali imolada.

### **4.3. Quinta do Almaraz (Almada)**

Tivemos conhecimento, por informação pessoal de Luís Barros, a quem se agradece, do aparecimento de cães inumados em fossas, abertas no solo, na Quinta do Almaraz. Tais restos, atendendo ao carácter fenício-púnico da respectiva ocupação (Cardoso, 1990; Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993) assumem carácter especial. São três os conjuntos até ao presente identificados na estação referida (Barros, 1996).

O primeiro é constituído por crânio, com mandíbula e por atlas, apresentando-se o crânio depositado horizontalmente, na base de um concheiro cujos materiais cerâmicos sugerem os séculos V-IV a.C. Continha abundante fauna mamalógica, com *Bos taurus*, *Ovis/Capra* e *Cervus elaphus* (fig. 8).

O segundo conjunto é formado por duas hemimandíbulas do mesmo indivíduo, dispostas para lados contrários, situação só explicável por intervenção humana; provêm de fosso com numerosos restos de grandes mamíferos (*Bos taurus*, *Capra/Ovis*, *Oryctolagus cuniculus*, *Equus caballus* e *Cervus elaphus*), cujos materiais cerâmicos sugerem o século VIII a.C. (fig. 8).

O terceiro conjunto integra um esqueleto quase completo, do qual foi retirado o crânio após o total desaparecimento das partes moles e tecido conjuntivo, visto o atlas, que também foi recuperado, não apresentar marcas de corte. Provém de fosso, onde foi depositado no sentido do comprimento. A sua cronologia é idêntica à do primeiro conjunto, sendo de salientar que naquela mesma estrutura se recuperaram restos de mais dois cães (hemimandíbulas e um outro grupo de ossos em conexão anatómica) (fig. 9).

Estes restos correspondem a exemplares de porte médio, de tamanho entre as raças actuais Serra da Estrela e Serra de Aire, consideradas autóctones.

Não se evidenciaram quaisquer indícios de os cães de Almaraz terem sido aproveitados na alimentação: a ocorrência de crânios isolados e de esqueletos deles desprovidos, parece indicar a prática de cerimónias rituais.



Fig. 9 – Esqueleto de *Canis familiaris in situ* (Fosso do sector 2) Quinta do Almaraz, Almada (foto L. Barros, 1996)

## 5. O cão em contextos fenício-púnicos: comparações e conclusões relativas ao material estudado

No presente estudo inventariaram-se as ocorrências de restos de cão (*Canis familiaris* L.) em contextos arqueológicos de raiz semita, do Sul de Portugal. As conclusões decorrentes da observação de tais restos foram discutidas e integradas contextualmente nas funções atribuídas a tal animal em diversos momentos e épocas.

Os exemplos até ao presente inventariados em Portugal de restos de cão com marcas de corte, sugerindo aproveitamento alimentar, eventualmente relacionado com práticas rituais, circunscrevem-se à época fenícia, se bem que no Sul da Península Ibérica haja diversos exemplos homólogos muito anteriores, do Neolítico, do Calcolítico e da Idade do Bronze Argárica, contemporâneos de ocorrências europeias de raiz não-semita. Tais exemplos

mostram uma tradição no consumo do cão com origem pré-histórica, inicialmente com vasta expressão geográfica.

As sociedades fenício-púnicas do Extremo Ocidente Peninsular reflectiram, como é lógico que acontecesse, os principais aspectos culturais do denominado «país de origem»<sup>1</sup>.

A presença de restos de cão em ambiente cultural fenício tem sido, em geral, muito discreta. Por exemplo, na feitoria de Toscanos (Torre del Mar), próxima de Málaga, os níveis de ocupação do século VII forneceram, apenas, dez restos, correspondendo a 3.2% do total da fauna recuperada. Tratava-se de exemplares de pequeno porte, sem vestígios evidentes de esquartejamento. Nesta mesma estação, em que os restos de bóvidos somaram 21.4%, o consumo de porco não era raro, somando as suas peças osteológicas 7.6% do número total de restos (Soergel, 1968, 112, 113).

Uerpmann e Uerpmann (1973) identificaram, na feitoria de Toscanos (Málaga), restos de cães, tanto nos níveis fenícios (onze restos) como romanos (cinco restos), totalizando 0.7%. Trata-se, como é usual, de exemplares de tamanho médio (tipo *fox-terrier*), estando representados, por igual, as diferentes partes do esqueleto.

No Cerro de la Tortuga, Málaga, os resultados obtidos por aqueles dois autores são sugestivos quanto ao significado ritual do cão, em época fenícia, no Sul Peninsular. Com efeito, enquanto que no povoado apenas se recolheu um fragmento atribuído àquela espécie (0.3% do total de restos), a necrópole vizinha forneceu quarenta e sete exemplares, distribuídos uniformemente pelo esqueleto, correspondendo a 5.4% dos restos ali exumados. A diferença

---

<sup>1</sup> Em termos de comportamento alimentar a interdição do consumo da carne de porco (*Sus domesticus*), por prescrição religiosa baseada em preceitos higiénicos, parece atestada em diferentes jazidas pertencentes a populações semitas, embora em algumas se tenha consumido javali (*Sus scrofa*) ou aqueles animais domésticos mas enquanto jovens. Por exemplo, no Castillo de Doña Blanca (Cádiz), em ambiente cultural fenício de meados do século VIII ao século VI a.C., não se detectaram restos de um único porco adulto, sendo duvidosos os sub-adultos, tendo-se consumido alguns infantis e juvenis, constituindo 4.7% dos restos de mamíferos identificados, pertencentes a um número mínimo de dezanove indivíduos.

Naquela jazida, onde se não reconheceu javali, os oito ossos de cão descobertos correspondem apenas a 0,5% do número de restos identificados e, possivelmente, a quatro indivíduos. Trata-se de animais de corpulência média, com 0.40m a 0.50m de altura que parece não terem sido consumidos, sendo provenientes dos níveis de ocupação mais antigos (Morales, Cereijo, Brannstom e Liesau, 1994, 40, 51-54).

Na Quinta do Almaraz, somente se reconheceram e publicaram até ao presente dois ossos de javali, um deles uma mandíbula, correspondendo a 0,5% do número total de restos que ascenderam a quatrocentas e dezanove peças (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, 162).

percentual verificada entre os dois locais evidencia, claramente, a conclusão enunciada.

Na área urbana de Huelva, na Calle del Puerto 6, integrando níveis datados nos séculos VIII-VI a.C., os restos de cão, onde se contaram um maxilar e uma mandíbula, somaram 4% do número de peças osteológicas exumadas, correspondendo a 7% do número mínimo de indivíduos, sendo um juvenil e os restantes adultos, de médias dimensões (Cereijo e Patón, 1988-89, 228,233).

Naquela mesma cidade, na Calle del Puerto 29 em ocupação da segunda metade do século VII a.C., exumaram-se restos de cão, correspondendo a 2% da fauna e a três indivíduos distintos, de grande porte e sem cortes ou fracturas intencionais, conforme foi sublinhado pelos autores que os deram a conhecer (Cereijo e Patón, 1990, 90). No Cabezo de San Pedro, ainda em Huelva, recolheu-se, em camada do Bronze Final com forte influência fenícia, oito restos de cão, correspondentes a 1.1% do total das peças osteológicas identificadas (Driesch, 1973).

Percentagem idêntica à da Calle del Puerto foi obtida para o espólio faunístico do Castro de Medellín, referido atrás, na Estremadura Castelhana, em ambiente orientalizante, com contributos de feição fenícia. Nesta estação, os bovídeos são os grandes mamíferos melhor representados totalizando 30%, seguidos pelos ovino-caprinos (18.8%), somando os restos de porco 6.5% (Morales, 1977, 515).

O consumo de cão, registado na Rocha Branca, encontra melhores paralelos em contextos púnicos peninsulares, da segunda metade do século III a.C., de Ibiza, e, portanto, algo ulterior à data do depósito votivo de Garvão. De facto, no poço de Hort d'En Xim restos daqueles mamíferos, já adultos (apenas um tinha idade inferior a um ano), evidenciaram sinais de corte para esquartejamento, descarnação ou desarticulação. Estes totalizaram 35.7% do número dos restos de fauna identificados, correspondendo a dez indivíduos e sendo percentualmente maioritários em relação às restantes espécies (porco, ovino-caprinos, boi e cavalo) onde 39.2% dos ossos de porco correspondem, apenas, a seis indivíduos (Saña, 1994, 71-81).

Existem abundantes testemunhos que denunciam o valor sacrificial do cão nas sociedades semitas do primeiro milénio a.C.<sup>2</sup>, assim como o seu consumo, pelo menos, com carácter ritual. Assim, no santuário de Astarte, em Ashkelon, na Palestina, existiu um cemitério de cães, no século V a.C., tendo-se escavado cerca de sete centenas de indivíduos, muito embora se

<sup>2</sup> Pode constituir antecedente remoto daquela função o cachorro que acompanhava a inumação de uma mulher, cerca de 9.000 a.C., de Ain-Mallaha, na Palestina (Chaix, 1995, 84).

avaliasse que ali tivessem sido inumados milhares, sendo 60 a 70% cachorros, cujos restos não ofereciam marcas de corte (Simoons, 1994, 245). Por outro lado, em diferentes pontos da Ásia Menor, como na Lídia e Cária, conforme já antes mencionámos, ou entre os Hititas, sacrificavam-se e consumiam-se cachorros (Simoons, 1994, 246, 247; Harvey, 1995, 282).

Um sarcófago de Sidon, continha o esqueleto de um rei, acompanhado por crânios de cães imolados durante o ritual funerário (Gomes, 1990, 81).

Em um selo-cilíndrico assírio, dos séculos IX-VIII a.C., observa-se um sacerdote e um templo-fortificação, no interior do qual existe altar com um cão, associado a motivo estrelar (Merhav, 1991, 303) (fig. 10).

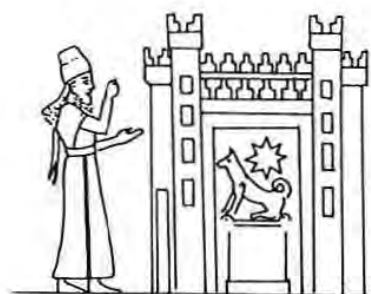


Fig. 10 – Altar com cão em selo-cilíndrico assírio (seg. R.Merhav, 1991, 303)

Testemunhos evidentes da utilização sacrificial de cães encontram-se, com abundância, nas necróples fenício-púnicas destinadas às crianças oferecidas à divindade cananeia Molek ou depois a Baal Hammón e a Tanit, na Sicília, Sardenha e Norte de África, conhecidas por *tophets*. Na de Motya, na Sicília, dos séculos V-III, ossos de crianças de tenra idade, ritualmente cremadas, foram guardados em urnas de cerâmica sendo, não raro, acompanhados por restos osteológicos de cachorros, ritualizados de modo idêntico, na mesma urna ou separadamente. Nestes cemitérios, a presença de tais animais tem vindo a ser interpretada como substituta das crianças embora hoje se aceite apenas a qualidade de acompanhantes (Olmo, 1995, 15, 16).

A existência do sacrifício ritual de cães no mundo fenício-púnico e grego da Ásia Menor traduz, conforme já W. Rouse (1975, 202) observou, um acto de renúncia que é a própria essência do sacrifício e o princípio, a atender aos restantes animais imolados, de que a vítima deve ser bom alimento para o homem.

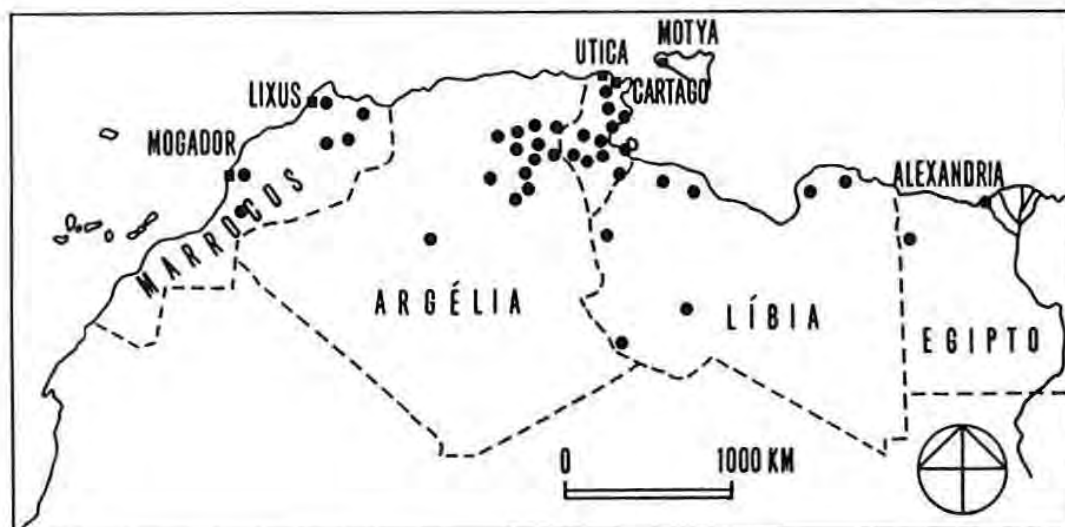


Fig. 11 – Locais do Norte de África, onde até há bem pouco tempo se consumia carne de cão (seg. Simoons, 1994, 226, fig. 31, completado)

As três estações portuguesas onde detectámos, em contexto fenício ou de influência púnica, restos de cão, denunciam, pela primeira vez, práticas religiosas ou costumes alimentares documentados, na Península Ibérica em época muito anterior à chegada dos Fenícios, aos quais estes terão dado continuidade.

Os antigos hábitos religiosos, com fins propiciatórios, e, também, culinários, de Fenícios e Cartagineses relacionados com o cão, parece terem-se mantido entre as populações norte-africanas até ao século passado ou mesmo alcançando os nossos dias. Com efeito, a cartografia dos locais onde, naquela região, se consome habitualmente a carne daqueles carnívoros, publicada por Simoons (1994, 226, fig. 31) e completada pelos signatários, coincide com as áreas de influência das principais colónias fenícias, nomeadamente na região da antiga Cartago e das cidades de Lixus e Mogador (fig. 11).

Não fora o vigor da colonização romana, assim como das religiões judaica e cristã e, talvez, ainda hoje o cão constituísse uma das bases alimentares das famílias europeias.

## BIBLIOGRAFIA

- ANATI, E., 1986, *I Camuni. Alle Radici della Civiltá Europea*, Jaca Book, 387 pp., 372 figs, Milano.
- ANTUNES, M.T., 1987, O povoado fortificado do Calcolítico do Monte da Tumba. IV-Mamíferos (nota preliminar), *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, pp. 103-144.
- ANTUNES, M.T., 1995, Restos de animais da estação arqueológica de Garvão (séc.III a.C.), *Estudos de Arte e História, Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, pp. 271-276, Editora Vega, Lisboa.
- ALTUNA, J., 1994, El perro en los yacimientos arqueológicos del norte de la Península Ibérica, *Homenaje al Dr. Joaquín González Echegaray*, pp. 159-162, Museo y Centro de Investigación de Altamira, Monografias n.º 17, Ministerio de Cultura, Madrid.
- ARBOGAST, R.M., BLOUET, V., DESLOGES, J., e GUILLAUME, C., 1989, Le cerf et le chien dans les pratiques funeraires de la seconde moitié du Néolithique du Nord de la France, *Anthropozoologica*, 3ème numéro spécial, pp. 37-41.
- ARNAUD, J.M., 1987, Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado: semelhanças e diferenças, *Arqueologia*, n.º 15, pp. 53- 64.
- AUDOUZE, F., e BUCHSENSCHUTZ, O., 1992, *Towns, Villages and Countryside of Celtic Europe, From the Begining of the Second Millennium to the Ends of the First Century B.C.*, B.T.Batsford Ltd., 256 pp., 142 figs, London.
- BARROS, L., 1996, *O cão, o fiel amigo. A presença de Canis familiaris no povoado do Almaraz*. Trabalho inédito apresentado no Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 24 pp., Lisboa.
- BARROS, L., CARDOSO, J. L., e SABROSA, A., 1993, Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz-Almada, *Estudos Orientais*, vol. IV, pp. 143-181.
- BEIRÃO, C. de M., SILVA, C.T. da, SOARES, J., GOMES, M.V., e GOMES, R.V., 1985, Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão – Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, pp. 45-135.
- BEIRÃO, C. de M., SILVA, C. T. da, SOARES, J., GOMES, M. V., e GOMES, R. V., 1987, Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no Sul de Portugal, e as suas relações com as culturas da Meseta, *Veleia*, vols 2-3, pp. 207-221.

- BERROCAL, L., 1992, *Los Pueblos Celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Editorial Complutense, 386 pp., 81 figs., 31 ests., Madrid.
- BEVAN, E., 1986, *Representations of Animals in Sanctuaries of Artemis and other Olympian Deities*, British Archaeological Reports, International Series, 315, 559 pp., 49 figs, Oxford.
- BICHO, N.F., 1994, The end of the Paleolithic and the Mesolithic in Portugal, *Current Anthropology*, vol. 35, pp. 664-674.
- CAILLAT, A., 1981, *La faune dans l'Antiquité. Identification, utilisation, consommation: exemples saints*, 2 vols, 166 pp., LXIX ests, Université de Bordeaux III.
- CANADELL, S.A., e LORENZO, J.N., 1993, Resultats de l'estudi arqueozoològic del jaciment Caserna de Sant Pau (Barcelona), *Pyrenae*, vol. 24, pp. 79-85.
- CARDOSO, J.L., 1990, A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo, *Estudos Orientais*, vol. I, pp. 119-134.
- CARDOSO, J. L., 1993, Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudos dos restos da Rocha Branca (Silves), *Estudos Orientais*, vol. IV, pp. 109-126.
- CARDOSO, J.L., RODRIGUES, J.A.S., MONJARDINO, J., e CARREIRA, J. R., 1986, A jazida da Idade do Bronze final da Tapada da Ajuda, *Revista Municipal*, vol. 15, 2.<sup>a</sup> Série, pp. 3-18.
- CASELLAS, S., 1995, Dipòsits faunístics no subsistencials a la Catalunya prehistòrica, *Cota Zero*, n.º 11, pp. 89-93.
- CASTAÑOS, P., 1989, Estudio de los restos óseos del castro de Ubierna (Burgos), *Kobie (Serie Paleoantropología)*, vol. 18, pp. 87-97.
- CEREIJO, M.A., e PATÓN, D., 1988-89, Estudio sobre la fauna de vertebrados recuperada en el yacimiento tartésico de la calle del Puerto 6 (Huelva). Primera parte: Mamíferos, *Huelva Arqueologica*, vols. X-XI, 3, pp. 215-244.
- CEREIJO, M. A., e PATÓN, D., 1990, Informe sobre la fauna de vertebrados recuperada en Puerto-29 (Huelva): Mamíferos, *Huelva Arqueologica*, vol. XII, pp. 79-106.
- CHAIX, L., 1995, L'integració dels animals en les pràctiques lúdiques, màgiques o religioses, *Cota Zero*, n.º 11, pp. 81-88.
- CUNLIFFE, B., 1974, *Iron Age Communities in Britain*, Routledge & Kegan Paul, 389 pp., 28 ests, London.

- DEGERBØL, M., 1961, On a find of a Preboreal domestic dog (*Canis familiaris* L.) from Star Carr, Yorkshire, with remarks on other Mesolithic dogs, *Proceedings of the Prehistoric Society*, vol. XXVII, pp. 35-55, VI ests.
- DRIESCH, A.v.d., 1973, Nahrungsreste tierischer Herkunft aus einer tartessischen und einer spatbronzezeitlichen bis iberischen siedlung, *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 4, pp. 9-31, München.
- DRIESCH, A.v.d., e BOESSNECK, J., 1976, Castro do Zambujal. Die fauna, *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 1, pp. 43-95, München.
- DRIESCH, A.v.d., e RICHTER, B., 1976, Tierknochenfunde aus Penedo do Lexim. *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 5, 143 pp., München.
- FRIESCH, K., 1987, Die Tierknochenfunde von Cerro de la Encina bei Monachil, Provinz Granada (Grabungen 1977-1984), *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 11, 135 pp., I est., München.
- GHETIE, B., e MATEESCO, C.N., 1971, Le chien du Néolithique Moyen de Vádastra (Roumanie), *L'Anthropologie*, vol. 75, pp. 357-368.
- GOMES, M.V., 1990, O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: *smiting gods ou* deuses ameaçadores, *Estudos Orientais*, vol. I, pp. 53-106.
- GOMES, M. V., 1990a, A rocha 49<sup>l</sup> de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo, *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*, vol. I, pp. 151-177, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1993, O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves), *Estudos Orientais*, vol. IV, pp. 73-107.
- GRANT, A., 1984, Animal husbandry, *Danebury, an Iron Age Hillfort in Hampshire*, Council for British Archaeology, London, pp. 496-548.
- GRANT, A., 1989, Animals and ritual in Early Britain; The visible and the invisible, *Anthropozoologica*, 3<sup>ème</sup> numéro spécial, pp. 79-85.
- HARVEY, D., 1995, Lydian specialities, Croesus' golden baking-woman, and dogs' dinners, *Food in Antiquity*, pp. 273-285, University of Exeter Press, Exeter.
- JARMAN, M.R., 1973, Preliminary report on the animal bones, *Knossos. The Sanctuary of Demeter*, pp. 177-179, Thames and Hudson, London.
- MÉNIEL, P., 1992, *Les Sacrifices d'Animaux chez les Gaulois*, Éditions Errance, 145 pp., Paris.

- MERHAV, R., 1991, Architectural elements: Functional and Symbolic, *Urartu. A Metal-working Center in the First Millennium B.C.E.*, pp. 301-309, The Israel Museum, Jerusalem.
- MILZ, H., 1986, Die Tierknochenfunde aus drei argarzeitlichen Siedlung in der Provinz Granada (Spanien), *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 10, pp. 1-133, München.
- MORALES, A., 1977, Los restos de animales del Castro de Medellín, *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, pp. 513-519, Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. XIV, Madrid.
- MORALES, A., CEREJO, M.A., BRANNSTOM, P., e LIESAU, C., 1994, The mammals, *Castillo de Dña Blanca. Archáeoenvironmental investigations in the Bay of Cádiz, Spain (750-500 B.C.)*, pp. 37-69, British Archaeological Reports, International Series, 593, Oxford.
- OLMO, G. del, 1995, El molk púnico: Interpretación de un ritual, *La Problemática del Infanticidio en las Sociedades Fenicio-Punicas*, pp. 9-18, Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera, Ibiza.
- OLSEN, S.L., 1994, Exploitation of mammals at the Early Bronze Age site of West Row Fen (Mildenhall 165), Suffolk, England, *Annals of Carnegie Museum*, vol. 63, pp. 115-153.
- PETERS, J. e DRIESCH, A.v.d., 1990, Archäozoologische untersuchung der tierreste aus der kupferzeitlichen Siedlung von Los Millares (Prov. Almería), *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 12, pp. 51-110, München.
- POPLIN, F., 1988, Essai sur l'anthropocentrisme des tabous alimentaires dans l'héritage de l'Ancien Testament, *L'Animal dans l'Alimentation Humaine. Les critères de Choix*, pp. 163-170, Paris.
- RIQUELME, J.A., 1989-90, Aproximacion al estudio faunístico del yacimiento arqueológico de Acinipo, Ronda (Malaga), *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, vols 14-15, pp. 181-207.
- RIQUELME, J.A., 1994, Estudio de la fauna recuperada en el yacimiento de Acinipo, Ronda (Malaga). Consideraciones economicas y medioambientales durante la primera mitad del II mi-lenio, *Archaeofauna*, vol. 3, pp. 21-51.
- RIQUELME, J.A., 1996, Contribución al estudio arqueofaunístico durante el Neolítico y la Edad del Cobre en las Cordilleras Béticas: el yacimiento arqueológico de Los Castillejos en Las Penas de Los Gitanos, Montefrío (Granada), Tesis Doctoral, Universidad de Granada, Dep. Prehistoria y Arqueología, 653 pp., XXIV ests, Granada.
- ROUSE, W.H.D., 1975, *Greek Votive Offerings*, Arno Press, 463 pp., 63 figs, New York.
- ROZOY, J.-G., 1978, *Les Derniers Chasseurs. L'Épipaléolithique en France et en Belgique*, 2 vols, Bulletin de la Société Archéologique Champenoise, 1256 pp., 294 figs, Charleville.

- SAÑA, M., 1994, Análisis zooarqueológico del Pozo HX-1, *El Pozo Púnico del «Hort d'En Xim» (Eivissa)*, pp. 71-81, Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza, Ibiza.
- SILVA, A.C.F. da S., e GOMES, M.V., 1992, *Proto-História de Portugal*, Universidade Aberta, 275 pp., 67 figs, Lisboa.
- SIMOONS, F.J., 1994, *Eat Not This Flesh. Food Avoidances from Prehistory to the Present*, The University of Wisconsin Press, 550 pp., 40 figs, Wisconsin.
- SOERGEL, E., 1968, Die tierknochen aus der altpunischen faktorei von Toscanos, *Madriider Mitteilungen*, vol. 9, pp. 111-115.
- STUIVER, M., e PEARSON, G.W., 1986, High-precision calibration of the Radiocarbon Time Scale, AD 1950-500 BC, *Radiocarbon*, vol. 28, pp. 805-838.
- STRAUS, G.L., 1991, The «Mesolithic-Neolithic» transition in Portugal: a view from Vidigal, *Antiquity*, vol. 65, pp. 899-903.
- UERPMANN, H.-P., e UERPMANN, M., 1973, Tierknochenfunde aus der phonizischen Faktorei von Toscanos und anderen phonizisch beeinflussten Fundorten der Provinz Málaga in Südspanien, *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 4, pp. 35-108, München.
- VIGNE, J.-D., 1983, *Les mammifères terrestres non volants du post-glaciaire de Corse et leurs rapports avec l'homme: étude paléo-ethno-zoologique fondée sur les ossements*. Thèse 3eme cycle, Université de Paris VI.
- YVINEC, H.H., 1987, Découpe, pelleterie et consommation des chiens gaulois a Villeneuve-Saint-Germain, *Anthropozoologica*, n.º 1, pp. 83-89.
- ZIEGLER, R., 1990, Tierreste aus der Prahistorischen Siedlung von Los Castillejos bei Montefrío (Prov. Granada), *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, vol. 12, pp. 1-46, München.